CRÍTICA LIVROS

O ANO EM QUE FALAMOS COM O MAR

POR **OLGA DE MELLO** - ESPECAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Ilhas literárias

Divulgação



"Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo; cada ser humano é uma parte do continente, uma parte de um todo", afirmava o inglês John Donne em 1624, observando que o isolamento impede a sobrevivência e a evolução das pessoas. Já as ilhas, aquelas formações de terra cercadas de água por todos os lados, têm sido, desde a Antiguidade, a escolha preferencial na literatura para apresentar narrativas ficcionais diversas por autores que criam lugares com regras próprias, sem contato com a civilização conhecida.

Os relatos mais antigos sobre ilhas vêm tanto da Grécia – uma nação composta, basicamente, por diferentes arquipélagos – e dos países árabes.

Não contente em dispor de 7 mil ilhas espalhadas pelos mares Egeu e Jônico, Homero inventou algumas ao contar as viagens de Ulisses, na "Odisseia", entre elas as dos Ciclopes, a da feiticeira Circe, a da ninfa Calipso e a das Sereias. Já as "Mil e uma noites" destacam curiosas formações que dispensam terra ou rochas, mas que se sobressaem no mar. A ilha Roc ou Ruhk é, na verdade, um ovo do pássaro Roc.

Dentro do ovo vivem filhotes da ave, disputados por caçadores que quebram a casca para retirar os passarinhos. Quem consome a carne dos pequenos Roc recupera a juventude, começando pela coloração dos cabelos. Já o romance medieval O filósofo autodidata, lançado por Ibn Tufail no século XII, trata de um personagem isolado numa ilha deserta, o que poderia ter inspirado Daniel Dafoe a compor, em 1719, o mais famoso náufrago da literatura, Robinson Crusoé.

Essas histórias são contadas por Alberto Manchel e Gianni Guadalupi no "Dicionário de lugares imaginários", que tem cerca de dois mil verbetes, aumentando a cada nova edição – a primeira foi em 1981. Centenas dos locais são ilhas, estando entre as mais famosas o a do Tesouro, criada por Robert Louis Stevenson, Lilliput, cenário de parte das "Viagens de Gulliver", de Jonathan Swift, a Terra do Nunca, onde vivem Peter Pan e os garotos perdidos, segundo James L. Barrie, a ilha da "Tempestade", de William Shakespere, e, naturalmente, a do Robinson Crusoé.



Em 'O ano em que falamos com o mar', Andrés Monteiro apresenta uma comunidade sem sinal de TV e internet onde a conversa é o principal entretenimento da população

Situar a trama em ilhas inexistentes ainda é prática na literatura. "Mistério no Caribe", de Agatha Christie se passa na fictícia ilha de St. Honoré. Guillaume Musso desenvolveu a ação de "A vida secreta dos escritores" na Ilha Beaumont, que guarda semelhança com territórios franceses no Mediterrâneo.

É na costa chilena que fica a encantadora ilha onde dois gêmeos se reencontram depois de 50 anos afastados. No delicioso "O ano em que falamos com o mar" (Pinard, R$ 69,90), de Andrés Montero, a pandemia obriga a permanência do jornalista Jeremias em sua terra natal, a ilha esquecida pelo mundo exterior. Ali, ele retoma os hábitos da comunidade que não depende de dinheiro para adquirir produtos; o escambo substitui o comércio regular. Sem sinal de televisão ou Internet, as conversas são o principal entretenimento da pequena população.

Narrado coletivamente pelos moradores, o romance lentamente apresenta uma forma de vida quase idílica em sua simplicidade e no acolhimento aos visitantes, entre eles um refugiado político. À parte da chamada civilização, a comunidade cresce com serenidade, aceitando o recolhimento de Julian, o irmão que jamais saiu da ilha e se torna um ermitão ao enviuvar. Nas conversas, as recordações montam a história dos gêmeos, oferecendo, no lugar da tecnologia e informação imediata, a morosidade de outras épocas, quando se dizia que a pressa era inimiga da perfeição.

NA ESTANTE

POR **OLGA DE MELLO**

MECANISMOS DE REPRESSÃO

Em "Mecanismos Invisíveis de Controle Social: Wilhelm Reich e a função política da repressão da sexualidade" (Via Verita, R$ 69,90), a psicóloga corporal reichiana Ana Clara Pequeno propõe uma investigação profunda sobre a intersecção entre a organização social, a repressão sexual, o patriarcado e o avanço do capitalismo neoliberal. A autora se debruça na construção social do psicanalista, que, perseguido por suas ideias contrárias ao controle dos corpos e afetos, morreu na prisão, depois de discutir o quanto a neurose e a conformidade são afetadas pela repressão social. Para Ana Clara, o controle social alimenta as bases do capitalismo neoliberal.

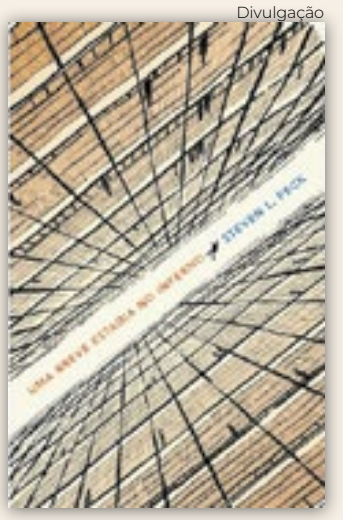
Divulgação



ETERNIDADE DE ANGÚSTIAS

A partir da ideia de Jorge Luis Borges em "A biblioteca de Babel", Stephen L. Peck criou uma eternidade de angústias no inferno: livros sem grandes textos, em estantes infinitas, com caracteres incompreensíveis que contam a história de cada um. Ao encontrar a sequência perfeita que represente sua vida, a pessoa poderá ascender ao paraíso. Em "Uma breve estadia no inferno" (Intrínseca, R$ 59,90), o sofrimento está na busca incansável e no encontro com gente que nem sempre entende como superar esse período de expectativas. O ambiente distópico leva a disputas com ritmo que encanta leitores da Geração Z, tanto que o romance foi um sucesso em redes sociais.

Divulgação



OS ALTOS E BAIXOS DA VIDA

Aquela sensação de frio na barriga, coração acelerado, medo, curiosidade e a vontade de experimentar algo novo. Emoções comuns a quem vai não apenas a um parque de diversões como a pequena Lulu, que em "A vida é uma montanha-russa" (Conto com Você Editora, R$ 55) descobre sensações novas e como lidar com seus temores em diferentes situações. A impossibilidade de controle e todos os seus aspectos são apresentados para o público infantil pela jornalista Fernanda Côrtes em seu quinto livro, que tem ilustrações de Laiana Dias. A obra acompanha a petiz em sua primeira experiência em uma montanha-russa, e faz dessa aventura em uma metáfora para os altos e baixos das nossas vidas.

Divulgação

